

QUESTÕES DE GÉNERO EM MANUAIS PARA O ENSINO DO FRANCÊS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX¹

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO

Universidade do Porto
outeirinho@letras.up.pt

Resumo : A partir da abordagem de dois manuais de francês que conheceram várias reedições ao longo da primeira metade do século XX, o presente artigo procura identificar um conjunto de relações reais ou simbólicas entre homens e mulheres, marcadas pelo género, e que esses manuais reflectem, assentes que estão numa concepção educativa da instituição escolar que reproduz e faz perdurar, tradicionais papéis sociais distintos, bem como uma visão binária do masculino e do feminino, funcionando o manual como *medium*, na transmissão de uma mundividência inevitavelmente orientadora do sujeito aprendente.

Palavras-chave : manuais – género – 1ª metade do século XX

Résumé: À partir de l'approche de deux manuels de français, lesquels ont connu plusieurs éditions tout au long de la première moitié du XX^e siècle, cet article cherche à identifier un ensemble de rapports réels et symboliques entre hommes et femmes, marqués par le genre, et présents dans ces manuels. Ces rapports ancrés sur une conception éducative de l'institution scolaire reproduisent et perpétuent des rôles sociaux traditionnels distincts, tout comme une vision binaire du masculin et du féminin, de sorte que le manuel fonctionne en tant que médium dans la transmission d'une vision du monde orientant inévitablement le sujet apprenant.

Mots-clés: manuels – genre – 1^{ère} moitié du XX^e siècle

Abstract: Based on two French textbooks which had several editions over the first half of the 20th century, this article seeks to identify a set of real or symbolic relations between men and women, marked by gender, reflected in these textbooks. Those relations are founded on an educational concept of the school that reproduces and perpetuates traditional distinct social roles, as well as a binary view of the masculine and the feminine, the textbook functioning as a *medium* in the transmission of a worldview, inevitably guiding the learner.

Keywords: textbooks – gender – first half of the 20th century

¹ O presente estudo retoma o texto elaborado no âmbito do IV Colóquio da A.P.H.E.L.L.E., *Para uma história do ensino das línguas e literaturas estrangeiras: figuras, instituições (do século XVIII a 1974)* e que teve lugar na Escola Superior de Educação do Porto, em Novembro de 2006.

*Petit garçon, qui te rends à l'école
Cueillant des fleurs et battant les buissons,
Le temps qu'on perd est du bien qu'on se vole;
Petit garçon, songe à la parabole:
Sans de bon grain, pas de bonnes moissons.²*

Em estudo de 2000, Maria José Salema lembrava que as abordagens com vista à história dos manuais escolares permitem o conhecimento das concepções educativas da instituição escolar, a detecção dos valores por ela transmitidos, o conhecimento dos conteúdos linguísticos, civilizacionais e pedagógicos propostos e a reconstituição das práticas pedagógicas dos agentes de ensino (Salema, 2000).³ Não podendo senão estar de acordo com tais observações, atendendo a que o manual escolar não é um objecto neutro no processo de ensino-aprendizagem, importa equacionar o conjunto de marcas reveladoras de construções mentais, de mundividências orientadoras do aprendente, reveladoras ainda de um aprendente projectado por um autor numa dada época. Assim, parece-nos fundamental para uma aproximação e entendimento de um conjunto de relações reais ou simbólicas entre homens e mulheres nas primeiras décadas do século XX, período de grandes mutações em curso na cultura ocidental, a adopção da categoria género enquanto construção social,⁴ pois tal categoria conserva todo um poder heurístico que a torna ainda funcional na análise dos textos, no caso vertente manuais escolares para o ensino do francês que as presentes notas de investigação pretendem abordar, em particular nos seguintes manuais de José Antunes Coimbra⁵: *Le Second*

² Trata-se de uma quintilha do poema “A un écolier” do manual *La nouvelle Méthode ou le Français Pratique en 90 leçons* (Coimbra, 1929: 229) e que deverá servir para leitura, tradução e declamação.

³ Em “O Manual Escolar no Quadro da História Cultural: para uma historiografia do manual escolar em Portugal”, também Justino de Magalhães lembra que o manual escolar “simboliza uma construção cultural, estrutura o acto do conhecimento, materializa a relação pedagógica e configura o campo epistémico-pedagógico da cultura escolar” (Magalhães, 2006: 8).

⁴ Veja-se, por exemplo, Joan Scot (1986).

⁵ É importante sublinhar que os manuais de José C. Antunes Coimbra, alguns feitos em parceria com outros autores – como é o caso de *Le Second Livre de Français* - e por vezes actualizados, serviram diferentes níveis de ensino e estiveram presentes no panorama nacional do ensino do francês do século XX, durante várias décadas.

Livre de Français (1922)⁶ e *La Nouvelle Méthode ou le Français Pratique en 90 Leçons* (1929)⁷.

Apesar de ao longo do século XIX português serem recorrentes os testemunhos de preocupações com a instrução e educação femininas, reveladores, por um lado, da necessidade de combater a elevada taxa de analfabetismo e, por outro lado, lembrar a penúria de medidas efectivamente implementadas com vista à instrução feminina⁸, certo é que se assiste, ao longo de Oitocentos, a um progressivo alargamento de um público leitor constituído por mulheres, facto de resto testemunhado nas páginas da imprensa periódica por uma interpelação textual explícita da leitora ou pela oferta que lhe é especificamente dirigida⁹ e de que a existência no mercado editorial de revistas e colecções de livros para senhoras¹⁰ é igualmente um testemunho. Lembremos ainda um cada vez maior consenso quanto à necessidade de votar atenção à instrução e educação femininas embora as motivações, os propósitos e os contextos possam variar consideravelmente. Com efeito, à excepção do reconhecimento de uma formação profissionalizante que lhe permita assegurar a sua sobrevivência quando privada de tutela masculina e da luta pela emancipação feminina que a espaços emerge, a vontade de oferecer à mulher um conjunto de ferramentas adjuvantes de um correcto exercício da sua função tradicional enquanto filha, esposa ou mãe, marca a definição dos *curricula*, ratificando assim os já habituais papéis sociais femininos. Como afirma Cecília Barreira em *História de Nossas Avós*:

A ‘missão social da mulher’ de que se falava invariavelmente constituía a forma de rentabilizar o ensino exterior na orientação doméstica e familiar, única consentânea com a condição feminina. Desde os pedagogos do tempo da Monarquia, passando pela República, até ao Estado Novo havia uma unanimidade de posições que não deixava de ser intrigante. Dos liberais aos conservadores existia uma voz em uníssono que apresentava a mulher como garante da estabilidade e harmonia domésticas (Barreira, 1992:44).

⁶ Trata-se da 3ª edição do manual destinado aos 3º, 4º e 5º anos do liceu.

⁷ Trata-se da 2ª edição do manual dirigido às escolas comerciais (1º e 2º anos), aos liceus (1º ciclo), às escolas industriais e primárias complementares.

⁸ Sobre questões relativas à instrução feminina consulte-se o estudo de Irene Vaquinhas (2005).

⁹ Cf. “A mulher no folhetim” (OUTEIRINHO 2003).

¹⁰ Nesse período, não é pois de estranhar a presença, no panorama editorial, de todo um conjunto de leituras de género a perpetuar representações e papéis sociais para o masculino e para o feminino. Várias casas editoras, com as colecções “Biblioteca da Mulher”, “Biblioteca das Senhoras”, “Biblioteca das Mães”, “Biblioteca das Nossas Filhas”, “Biblioteca Prática do Lar” ou “Grande Biblioteca das Senhoras”, inscrevem, desde logo nas denominações escolhidas, protocolos de leitura claramente enunciados: elege-se um destinatário feminino com um papel e missão sociais diferencial em relação ao do homem e que assenta na família.

Se no final da década de 80 de Oitocentos e face à implementação dos liceus femininos a questão da instrução da mulher está na ordem do dia e atravessa a imprensa periódica a envolver figuras como Rodrigues de Freitas ou Maria Amália Vaz de Carvalho, no que à aprendizagem de línguas estrangeiras diz respeito e para além da já consabida recomendação que uma Baronesa de Staffe também veicula, em obra traduzida e reeditada em Portugal - [Uma menina] *Não deverá esquecer que falar e escrever bem a sua língua (e uma estrangeira se for possível) constitui um predicado de elegância.*(Staffe,1913)¹¹ -, as medidas legislativas reguladoras do ensino das línguas estrangeiras inscrevem a sua presença nos planos curriculares, aproximando, neste domínio, alunos de ambos os sexos.

Em estudo sobre o ensino secundário liceal na Iª República, Maria Helena Oliveira e Cunha afirma que apesar de todas as contingências sociais e económicas que condicionavam o acesso das meninas à educação “(...) a expansão da instrução feminina durante a 1ª República é um dado indesmentível” (OLIVEIRA E CUNHA 2002)¹². Ela integra-se então num quadro mais geral de que as leis sobre a instrução secundária posteriores a 1895 guardaram, a revelar uma certa preocupação educativa (VALENTE 1983). Sobre o espírito das reformas, Maria Hermínia Amado Laurel lembra em “Para uma abordagem do conceito de leitura literária nos manuais da Iª República” que se procurava levar a cabo a formação do carácter, havendo preocupações de ordem ética e cívica, bem como preocupações de ordem pragmática com vista à “preparação de indivíduos úteis à República “ (Laurel, 2003:125).¹³

No que à mulher diz respeito, tomaram-se medidas no sentido de efectivar uma instrução liceal feminina através da criação de secções femininas nos liceus de Porto e Coimbra¹⁴, permitindo às raparigas a frequência dos liceus masculinos que não tivessem

¹¹ *A Mulher na Família. A Filha, a Esposa, a Mãe. Causas da Felicidade* da Baronesa de Staffe é uma obra em circulação do século XIX para o século XX, funcionando como um avatar dos manuais de civilidade, uma orientador do sexo feminino no que toca ao seu papel na família.

¹² Maria Helena Oliveira e Cunha lembra que as medidas tomadas ao nível da instrução feminina na segunda década do século XX “provocaram um crescimento muito rápido da população feminina no ensino secundário liceal, passando de 11,2% em 1910 para 25,2% em 1916” (OLIVEIRA E CUNHA 2002).

¹³ Como também se refere neste mesmo estudo, procurava-se assim transmitir conhecimentos de índole civilizacional.

¹⁴ Tais secções, na reforma de 1918, tornaram-se independentes.

secções femininas independentes (OLIVEIRA E CUNHA 2002). Em 1915, é também criado um curso especial de educação feminina com o objectivo de formar a mulher portuguesa para a vida na sociedade e na família. A reforma de 1918, no ensino secundário feminino e como sublinha Rómulo de Carvalho, "tem por fim preparar a mulher para a vida do lar e de educadora dos filhos e para todas as situações que não impliquem competência com o homem" (*apud* OLIVEIRA E CUNHA 2002).

As línguas estrangeiras como o francês e o inglês integravam os diferentes planos de estudo e um manual como *Mon Premier Livre de Français* de Gaspar Machado e José C. Antunes Coimbra, ao marcar um espaço e tempo especiais para um destinatário feminino, "Le coin des jeunes filles", dá um testemunho indirecto desta atenção à instrução feminina e ao lugar já ocupado por um não despreciando contingente do sexo feminino na Escola., testemunho também da necessidade e vontade experimentadas de orientar de modo particular as meninas no seu processo formativo. Será então neste enquadramento mais geral das reformas da Iª República e na atenção particular votada à instrução feminina que importa abordar os manuais em análise no que concerne eventuais representações do feminino, no ensino duma língua estrangeira como o francês.¹⁵

Le Second Livre de Français, contendo uma pequena antologia, interessa-nos particularmente pela escolha de excertos relativos a figuras femininas e de autoria feminina inscritas na História e Cultura francesas: Blanche de Castille, Jeanne d'Arc, Jeanne Hachette, por um lado, e Madame de Staël e Madame de Sévigné, por outro. Tais ocorrências não parecem estar no entanto ao serviço dum particular desígnio de género.

Tal como sublinhava Maria Hermínia Amado Laurel em estudo citado, debruçando-se sobre manuais de francês na 1ª República (2003), o mesmo sucede com este manual pois também ele dá claramente conta de preocupações de ordem ética, cívica e pragmática pela escolha que faz de excertos em torno de figuras femininas. Assim, o primeiro desses excertos versa sobre "Trois françaises illustres": Blanche de Castille, Jeanne d'Arc e Jeanne Hachette. No que toca a Blanche de Castille interessa destacar o papel de mãe e educadora bem como a sua acção enquanto rainha: fez do seu

¹⁵ Sobre o ensino de línguas estrangeiras e do francês, em particular, no século XIX, consulte-se o estudo sobre esta matéria, e entretanto publicado, de Ana Clara Santos (2007).

filho “un sage administrateur” e ela própria mostrou também “sagesse et fermeté” nos períodos em administrou o reino (Coimbra, 1922: 35). Jeanne d’Arc é apresentada como “heroïque bergère”, “martyre”, patriota que fez acordar o patriotismo de muitos franceses; a mesma característica de patriotismo é igualmente destacada em Jeanne Hachette.¹⁶ Jeanne d’Arc é ainda objecto de um texto intitulado “Jeane d’Arc se rend à Chinon”, texto em que é apresentada como ser de excepção: “Les rudes hommes d’armes qui l’accompagnaient ne la regardaient plus comme une femme, mais comme une créature du ciel” (*idem*:48).

Apenas duas mulheres autoras de língua francesa assinam os textos deste manual: Madame de Staël com um excerto meramente descritivo de Veneza e Madame de Sévigné, grande cultora do género epistolar, com uma carta dirigida a Mme de Grignan narrando a morte de M. de Turenne.

Já *La Nouvelle méthode ou le Français Pratique en 90 leçons*, proposto no ano de 1929 para uso das “écoles commerciales (1ère et 2ème années), des lycées (1er cycle), des écoles industrielles et primaires complémentaires” (Coimbra, 1929) e que se apresenta como uma refundição de *Le Français Théorique et Pratique*¹⁷, continuando a aliar “o método directo com o dedutivo” (*idem*: 4) e procurando não ter porém uma tão grande sobrecarga gramatical¹⁸, fornece uma mais profícua ocasião de reflexão em torno de representações do feminino enquanto construção cultural e social.

Para além de uma Introdução que integra indicações sobre questões relativas à pronúncia (o alfabeto francês e suas especificidades, pronúncia de vogais e consoantes ou notação fonética), o manual encontra-se dividido em 13 capítulos, reunindo várias lições a envolver grandes núcleos temáticos e funcionamento da língua e um apêndice com as conjugações verbais. O manual em apreço oferece um conjunto de ilustrações ao

¹⁶ Foi também preocupação da Iª República a instrução cívica com vista ao desenvolvimento do sentimento patriótico, facto que justifica a inscrição, em manuais da época, de um conjunto de textos perfeitamente enquadrados no ensino do léxico e do funcionamento da língua, em torno das descobertas portuguesas, do império colonial, da bandeira ou do que é a pátria (COIMBRA 1912).

¹⁷ Tratava-se de um manual dirigido ao ensino comercial, preparatório e industrial.

¹⁸ Cf. “A parte gramatical limitou-se à morfologia, e, ainda, guardando para o segundo ano o estudo das mais importantes anomalias morfológicas; e reservou-se a parte sintáctica para os outros dois anos do curso” (4). Este manual apresenta, por exemplo, a conversação como etapa constante das diferentes lições. Dentro das tendências metodológicas do ensino do francês e lembradas por Maria José Salema (2000:75-76), Antunes Coimbra adopta pois uma metodologia eclética. O manual que dá continuidade ao processo de aprendizagem é *Le Français Commercial et la Correspondance Commerciale Universelle*.

serviço dos diferentes conteúdos temáticos, testemunhando da filiação francesa da obra – trata-se de ilustrações das edições Armand Colin – e de sabor oitocentista. Com efeito, ao nível da indumentária estamos ainda em pleno século XIX com um vestuário feminino que não descobre nem o colo nem as pernas¹⁹.

As preocupações do autor do manual prendem-se com o ensino de um léxico variado, oferecido em diversos textos que versam sobre a divisão do tempo, o corpo humano, vestuário e acessórios, graus de parentesco, a casa, a alimentação, vida no campo e vida na cidade, geografia, ou estações do ano, mas também preocupações que visam a formação do carácter do aluno – futuro cidadão - através de orientações moralizantes²⁰ que atravessam os diversos textos ou os provérbios com frequência a fechar cada lição. Lembremos apenas dois desses momentos: “N’abusez donc pas des boissons; quoique saines, elles peuvent avoir été falsifiés à votre insu. L’eau est l’unique boisson des animaux; aimez la; elle vous donnera force et santé” (Coimbra, 1929:163) e “Après jeunesse oisive, vieillesse pénible” (*idem*:279). Atente-se no texto com que o manual encerra, definidor de pátria e do que se espera de cada um dos alunos: “La Patrie c’est la nation qui a droit à notre entier dévouement, et que vous devez honorer, servir, défendre de toutes les forces de vos bras, de toute l’énergie et l’amour, d’un coeur désintéressé” (*idem*:284)²¹.

No que toca às representações do feminino e contrariamente ao manual *Mon Premier Livre de Français* estudado por Ausenda Babo²², praticamente não existe uma estruturação do manual numa lógica de conteúdos orientados para o feminino ou para o masculino. Contudo, construções culturais existem que prolongam papéis sociais específicos do masculino e do feminino e que emergem, a espaços, ao longo de toda a obra, construções essas aparentemente válidas numa época que já vivia mutações não negligenciáveis.

Assim, no primeiro capítulo intitulado “Notre classe”, na primeira e terceira

¹⁹ Tais traços encontramos-os porém nas tendências da moda feminina dos anos 20. O mesmo tipo de observação poderia ainda ser estendida ao penteado também ele claramente indicador duma pertença ao século XIX.

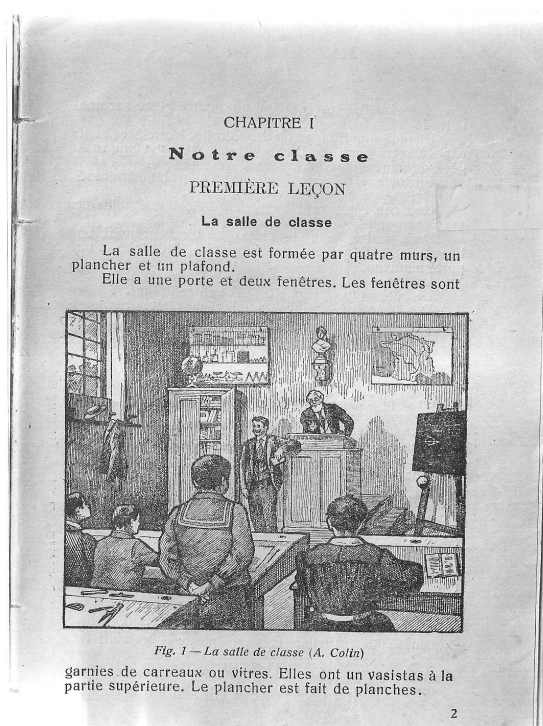
²⁰ Cf. “À un écolier”, poema citado em epígrafe.

²¹ A passagem citada pertence ao excerto intitulado “La Patrie”, texto esse que já em 1912 integrava a *Grammaire Pratique de la Langue Française. Premières Notions de Conversation*. Esta gramática de preocupações civilizacionais evidentes constitui-se como um objecto profícuo pelos textos que integra para o estudo de uma visão de Portugal e da Europa no quadro do império colonial.

²² Tendo sido entretanto publicadas as *Actas do III Colóquio da APHELLE, “Para uma história do ensino das línguas e literaturas estrangeiras: estudos de género”* (2007), consulte-se com proveito o estudo de Ausenda Babo sobre este manual (BABO 2007).

lições, encontramos, respectivamente, duas ilustrações separadoras do masculino e do feminino que são para descrição e vocabular.

objecto e pretexto enriquecimento



Da primeira ilustração se diz que “nous voyons l’inspecteur assis à son pupitre, sur une chaise; l’instituteur est debout à côté de l’inspecteur. Les élèves sont assis à leurs pupitres. Un d’eux est debout et récite sa leçon”.

Da segunda oferece-se a seguinte descrição:

TROISIEME LEÇON

Les personnes dans la classe

Il y a des écoles de garçons, des écoles de filles et des écoles mixtes ou écoles pour les deux sexes. Dans les écoles de garçons, c'est un instituteur ou



Fig. 3 — Une école de filles (A. Côtin)

un maître qui fait la leçon aux élèves ; dans les écoles de filles, c'est une institutrice ou une maîtresse qui fait la leçon aux élèves.

Sur le tableau (fig. 1) nous voyons l'inspecteur assis à son pupitre, sur une chaise ; l'instituteur est debout à côté de l'inspecteur. Les élèves sont assis à leurs pupitres. Un d'eux est debout et récite sa leçon.

Sur un autre tableau (fig. 3) nous voyons plusieurs

Sur un autre tableau nous voyons plusieurs demoiselles assises sur des tabourets, occupées à dessiner. Une dame est debout près du tableau noir. Elle apprend le dessin à ses élèves. // À côté de la salle à dessin il y a la classe de couture. La maîtresse est debout devant une table. Une élève est assise sur une chaise et travaille à la couture(COIMBRA 1929:22-3).

Acrescente-se que esta imagem surge acompanhada da legenda “Une école de filles”.

Se em momento prévio do texto se dizia que existem escolas para rapazes, escolas para raparigas e escolas mistas, certo é que quando se trata de adoptar ilustrações, a separação permanece e os exemplos eleitos sobre a actividade escolar do masculino e do feminino assentam num trabalho mais intelectual para os alunos e um trabalho de mãos para as raparigas, seguindo uma prática tradicional. A mesma óptica de esferas de actividade distintas e dirigidas encontramos-a aquando das referências à ocupação dos tempos livres no Inverno: os jovens rapazes “choisissent toutefois de préférence, en hiver, les jeux d'adresse et ceux qui exigent du mouvement, tels que le foot-ball, la barre, les nations, la balle au chasseur, le saute-mouton, l'ourse, etc. Les demoiselles s'amuseent aux jeux d'intérieur: elles jouent aux dames, à l'oie, aux osselets, au volant à cache-cache, à la corde, à colin-maillard, etc.” (COIMBRA 1929:276). Também “Aux bains de mer” se observa: Toute la journée [les enfants] sont sur la

plage: les jeunes filles restent ordinairement près de leurs mamans, qui travaillent à l'aiguille sous des tentes, à l'abri du vent (...)" (*idem*:273).

A propósito da ocupação dos serões na cidade e no campo refere-se que em espaço rural, e particularmente no passado, as vizinhas juntavam-se para conversar enquanto fiavam, tricotavam, costuravam, os homens juntavam-se para jogar às cartas e as crianças estudavam as lições e faziam os trabalhos de casa (*idem*:220).

Como de resto sucedia em manuais anteriores²³, também este manual transcreve para leitura e recitação o poema "Ceux que j'aime", no qual a figura feminina surge representada numa ligação estreita como a sensibilidade e os afectos, representação já vulgarizada²⁴, enquanto a figura do pai nos é mostrada no seu papel, igualmente habitual, de provedor do lar, com uma acção fora da esfera doméstica e a possibilitar a sua sustentabilidade:

J'aime maman qui promet et qui donne
Tant de baisers à son enfant;
Et qui si vite lui pardonne,
Toutes les fois qu'il est méchant.

J'aime papa qui toute la semaine
Va travailler pour gagner du pain;
Et qui paraît ne plus avoir de peine,
Lorsque je lui mets un bon point dans la main (COIMBRA 1929 :98).

Representações afins do masculino e do feminino encontramos-as ainda em ilustração que trabalha uma cena campestre e assim descrita: "Près d'une hutte, à droite nous voyons un chasseur qui revient de la chasse. Il a pris un chamois qu'il porte sur ses épaules. Sa femme l'attend sur le seuil de la porte" (*idem*:255).

A divisão de esferas de actividade que constroem as representações do feminino e do masculino a apontar para papéis sociais distintos, situados respectivamente na esfera privada e na esfera pública, nem sempre se mantém quando, a jogar com a

²³ Textos há, quer em torno de representações de género quer em torno de questões ligadas à formação cívica, que parecem fazer parte dum núcleo duro essencial para diferentes décadas e que são denunciadores, por essa mesma considerável circulação, de valores e visões do mundo, apresentados afinal como válidos na formação de rapazes e raparigas, durante um largo transcurso de tempo.

²⁴ De uma forma atenuada, pode ainda ser encontrada uma representação da figura materna enquanto orientadora e educadora dos filhos (COIMBRA 1929:240).

marcação de género, surge a pertença social da mulher. Tais representações culturais da mulher coexistem com representações do feminino, determinadas pela posição que a mulher ocupa num determinado quadro de classes, situada que está em espaço rural ou em espaço urbano. Assim, ilustrações com mulheres a trabalhar nos campos ou figuras femininas na cidade às compras ou nos mercados como vendedoras dão claramente testemunho da diversidade de posições que a mulher ocupa num determinado quadro de relações sociais. Não podemos também deixar de notar as representações em torno de momentos e práticas de sociabilidade que permitem reunir homens e mulheres: patinar no gelo, o passeio à beira rio ou ao ar livre, a ida ao teatro ou ao baile.

Das breves notas coligidas em torno de dois manuais que conheceram várias reedições ao longo da primeira metade do século XX, época de mutações, mas também de prolongamentos oitocentistas, resulta claro a existência, ainda nesse período, de um conjunto de relações reais ou simbólicas entre homens e mulheres marcadas pelo género e que os manuais reflectem, assentes que estão numa concepção educativa da instituição escolar que reproduz e faz perdurar, tradicionais papéis sociais distintos bem como uma visão binária do masculino e do feminino de que a contemporaneidade ainda é testemunha, funcionando o manual como *medium*, na transmissão duma mundividência inevitavelmente orientadora do sujeito aprendente.

Bibliografia

BABO, Ausenda (2007). “ ‘Maman coud, papa joue aux cartes’: estudo das representações de ‘género’ em manuais portugueses para o ensino do Francês (meados do século XX)”. *Actas do III Colóquio da APHELLE, “ Para uma história do ensino das línguas e literaturas estrangeiras: estudos de género”*. A.P.H.E.L.L.E., pp. 167-187.

BARREIRA, Cecília (1992). *História das Nossas Avós*, Lisboa: Edições Colibri.

COIMBRA, José C. Antunes (1912). *Grammaire Pratique de la Langue Française. Premières Notions de Conversation*, Lisboa: A Polycommercial.

COIMBRA, José C. Antunes (1929). *La Nouvelle Méthode ou Le Français Pratique en 90 Leçons*, 2ª ed., Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.

COIMBRA, José C. Antunes e Gaspar Machado (s.d.). *Mon Premier Livre de Français*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.

CHAUMOND, F. e José C. Antunes Coimbra (1922). *Le Second Livre de Français*. Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco.

LAUREL, Maria Hermínia Amado (2003). “Para uma abordagem do conceito de leitura literária nos manuais de Francês durante a Iª República”, *Actas do II Colóquio “O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do século XVIII ao final da Primeira República”*, APHELLE, pp.119-143.

MAGALHÃES, Justino (2006). O Manual Escolar no Quadro da História Cultural. Para uma historiografia do manual escolar em Portugal, *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 1, pp. 5-14, in <http://sisifo.fpce.ul.pt> (consultado em 29 de Dezembro 2006).

OLIVEIRA E CUNHA, Maria Helena S. de (2002). “O ensino secundário liceal na 1ª República”. *Millenium. Revista do ISPV*, in www.ipv.pt/Millenium26/26_27.htm. (consultado em 20 de Setembro de 2006).

OUTEIRINHO, Maria de Fátima (2003). “A mulher no folhetim”. *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras*. Porto, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto, pp. 226-381.

SALEMA, Maria José (2000). *Manuais para o ensino/Aprendizagem do Francês de 1732 a 1890*, Braga: Biblioteca Pública Municipal de Braga.

SANTOS, Ana Clara (2005). “L’enseignement du français et l’éducation des jeunes filles au Portugal au XIXe siècle: quelques études de cas”. *Actas do III Colóquio “Para uma história do ensino das línguas e literaturas estrangeiras: estudos de género”*. A.P.H.E.L.L.E., pp. 61-79.

SCOT, Joan (1986). “Gender: a useful category of historical analysis”. *American Historical Review*, pp. 1053-75.

STAFFE, Baronesa (1913). *A Mulher na Família. A Filha, a Esposa, a Mãe. Causas da Felicidade*, trad. Augusto Moreno, Porto: Companhia Portuguesa Editora.

VALENTE, Vasco Pulido (1983). “O estado Liberal e o Ensino: os liceus portugueses (1834-1930)”. *Tentar Perceber*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 363-571.

VAQUINHAS, Irene (2005). “Os caminhos da instrução feminina nos séculos XIX e XX. Breve relance”. *Nem Gatas Borracheiras, nem Bonecas de Luxo*, Lisboa: Livros Horizonte.